



Poços de Caldas

6º Congresso Nacional de Educação

29 e 30 de Jun 2022 | On-line

O QUE PENSAM AS CRIANÇAS SOBRE O ENSINO REMOTO DURANTE A PANDEMIA DA COVID 19?

WHAT DO CHILDREN THINK ABOUT REMOTE EDUCATION DURING THE COVID 19 PANDEMIC?

¿QUÉ PIENSAN LOS NIÑOS SOBRE LA EDUCACIÓN A DISTANCIA DURANTE LA PANDEMIA DEL COVID 19?

Eixo Temático:

**6. Divulgação Cultural e Artística em tempos de pandemia e cultura digital /
Subeixo 6.1 – Foco na Educação Básica**

Forma de Apresentação: **RESULTADO DE PESQUISA OU RELATO DE VIVÊNCIA**

Tatiana Campos Vasconcelos¹
Regina Helena de Freitas Campos²
Tatiana Campos Vasconcelos³

RESUMO

Em meio à veloz propagação da Covid-19, de tratamento desconhecido à ciência, em 2020, toda a população foi colocada em isolamento social como condição protetora. Essa situação levou a área da educação a aderir às formas de ensino à distância para todas as idades. Neste trabalho, analisaremos uma pesquisa feita por meio de entrevistas em sua maioria digitais, sendo 30 crianças de 3 a 12 anos, com o objetivo de conhecer como se dava a percepção delas sobre o ensino remoto. Os dados obtidos com as entrevistas semiestruturadas foram submetidos a uma metanálise de conteúdo pelas categorias elencadas na entrevista. O estudo contribui com educadores e famílias, pois trata da experiência do ensino remoto visto pelas experiências das crianças nessa situação. Foram constatadas formas variadas de ensino, como resposta imediata à pandemia da Covid-19, e diversidade no modo de recolher as informações. Essas dinâmicas impactaram o significado de estudo, de escola e de conceitos de ensino ofertados até o contato com esse fato histórico.

Palavras-chave: Ensino Remoto. Pandemia. Isolamento social. Infância.

¹ Mestrando em Educação – FAE - UFMG

² PHD Educação – FAE - UFMG

³ Mestrando em Educação – FAE - UFMG



Poços de Caldas

6º Congresso Nacional de Educação

29 e 30 de Jun 2022 | On-line

INTRODUÇÃO

A partir do mês de março e continuando no segundo semestre de 2020, as escolas públicas e particulares do país se mobilizaram a fim de aprender rapidamente a lidar com plataformas virtuais desenhadas ou adaptadas para atividades de ensino e aprendizagem, promovendo a interação entre professores e alunos de todos os níveis educacionais, devido à pandemia da Covid-19. A relação família e educação foram modificadas com a instalação, nos lares, de um novo modo de ensino, o remoto, que despertou para outros tipos de interação.

Esse cenário nos motivou a propor o presente projeto de pesquisa exploratória, visando conhecer como crianças da educação infantil e do ensino fundamental, de instituições públicas e privadas, em sua maioria localizada em Belo Horizonte, estão desenvolvendo suas atividades escolares e têm percebido e vivenciado a situação do ensino remoto. Foi feito contato com crianças de diferentes realidades e condições socioeconômicas, com o objetivo de ouvir e dar voz a suas percepções como sujeitos construtores de cultura.

Na área da educação, devido a essa modalidade de ensino por meios digitais no contexto de pandemia, alguns estudos recentes têm investigado como as crianças estão vivendo a sua infância e quais são as dificuldades enfrentadas por famílias, educadores e crianças com a suspensão das atividades presenciais nas escolas de educação infantil e ensino fundamental. Guizzo, Marcello e Müller (2020), por exemplo, observam como crianças, suas famílias e as escolas vêm enfrentando a pandemia e seus efeitos no cotidiano, em que deslocamentos trazidos pela quarentena provocaram restrições à liberdade e a reinvenções.

MATERIAL E MÉTODOS.

A coleta de dados foi feita como trabalho de curso por alunos da disciplina de Estudos sobre a Infância, no curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, no segundo semestre de 2020. Utilizando-se o método clínico proposto por Jean Piaget (PIAGET, 2013; PARRAT-DAYAN, 2003). Nesse método, o pesquisador coloca questões-problema para as crianças e acompanha seu raciocínio na construção do pensamento sobre o objeto da pesquisa, evitando antecipar respostas às questões colocadas. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo por categorias a partir dos temas propostos na pesquisa: acesso ao ensino remoto, sentimentos experimentados na situação de ensino remoto e regras vigentes para o ensino remoto.⁴

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados demonstram que as aulas remotas de interação com o mesmo professor da escola predominam nas escolas particulares. Em alguns casos, a duração das

⁴ A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética na pesquisa da UFMG.



Poços de Caldas

6º Congresso Nacional de Educação

29 e 30 de Jun 2022 | On-line

aulas permaneceu igual ao do modo presencial. Em outras situações, houve uma redução para 3 horas diárias das aulas *online*.

Os alunos também foram submetidos a aulas assíncronas, sem nem mesmo uma pequena explanação ou tentativa de aproximação com as suas demandas cotidianas frente ao conteúdo. Foram disponibilizados variados meios de acesso a atividades, em sua maioria impressas ou que demandavam impressão, cujo propósito estava mais concentrado no cumprimento do programa curricular pelo repasse de conteúdo. Nesse período de aulas remotas, os alunos tiveram que aprender pela “mediação” fria de uma tela. Ainda nessa realidade, como alternativa e complemento para o processo de ensino, uma terça parte destes aderiram ao uso de vídeos explicativos da matéria por meio de um locutor público, ou seja, um profissional já disponível em plataformas de vídeos acessadas pela internet, gratuitamente. Em alguns casos, a seleção e indicação da aula eram feitas pelo professor da turma. Surge com essa ação um meio de solucionar a acessibilidade ao conteúdo da matéria para o maior número de alunos possível. Em contrapartida, percebe-se a grande dificuldade de acesso individualizado do computador em casa para a realização da aula síncrona, visto suas condições financeiras. Um dos retratos que este estudo traz é a falta de uma política única logo no início da pandemia para a rede de escolas públicas ou, ainda, de um consenso na forma de utilizar a comunicação entre famílias e direção escolar, a fim de mobilizar meios mais igualitários de acesso para a maioria das crianças atendidas nessa realidade. Carlos tem 12 anos, reside em zona rural e não está recebendo aulas.

Quanto ao acesso às atividades e aos recursos tecnológicos, para os alunos de menor idade, fez-se necessária a presença de um adulto em casa a fim de auxiliar a execução das atividades enviadas, como, por exemplo, a confecção de brinquedos ou a realização de brincadeiras. Prolongando assim a posição autocentrada na criança.

Quando questionados sobre do que mais sentiam falta nas aulas presenciais, as crianças responderam, enfaticamente, que era da presença dos amigos. Ou seja, de socializar com seus pares, brincar e se divertir, a alegria típica da infância que era manifestada na união dentro do ambiente escolar. Sentimento esse que pode ter sido expressado em maior solidão, em processos egocêntricos de aprendizagem, e menos colaborativos.

CONCLUSÕES

Foi-nos convocada a capacidade de se reinventar e de se adaptar do ser humano em todas as instâncias e em todas as idades, sem segunda opção. As mudanças externas e internas tomaram um alcance desproporcional em todas as situações, entre elas dar continuidade a educar na pandemia.

Nesse envolvimento obrigatório em que os pais foram colocados, em sua maioria pelo distanciamento exigido como segurança, esses tiveram a oportunidade de aprender e rever conceitos de como se dá a aprendizagem. Certamente, muitos perceberam que a dimensão do ensinar e sua complexidade exigem uma compreensão maior do que apenas disponibilizar conteúdos. A necessidade de organização do horário de estudos e sua rotina doméstica se deram atrelada àqueles que estavam recebendo aula *online*, isto é, mesmo na modalidade de ensino à distância, há interferência das atividades escolares na rotina de estudos em casa, bem como fizeram falta as regras do convívio escolar.



Poços de Caldas

6º Congresso Nacional de Educação

29 e 30 de Jun 2022 | On-line

Muitos alunos de idade mais avançada passaram a conduzir seu próprio desenrolar de aprendizagem, conforme suas capacidades de adaptação vêm sendo demonstradas. Torna visível que a tecnologia antecipou certas colaborações e autonomia nos estudos, porém o convívio físico proporciona interações mais eficazes à aprendizagem.

Um percurso de maior reconhecimento sobre a utilização do ensino remoto foi iniciado e muito temos a aprender sobre sua prática, eficácia e, mais ainda, sobre as outras atividades que as crianças usam nesse período de isolamento social, com a falta do espaço escolar, como o uso do espaço físico e cultural geradores de aprendizado externo ao ambiente escolar tradicional. Ainda desconhecemos a efetividade dessa aprendizagem via virtual para os mais novos e poucas informações obtivemos sobre a aplicação e o resultado das avaliações de aprendizagem nesse período. Uma relação que modificou mutuamente e alcançou diferente desenho da aprendizagem nessa interação sobre a concepção de ensino, espaço-tempo, aluno, docente e conteúdo.

Dessa forma, novas pesquisas são pertinentes, a fim de verificarmos as alterações alcançadas a partir desse primeiro passo e para analisarmos a efetividade da aprendizagem das crianças nesse período.

REFERÊNCIAS

GUIZZO, Bianca Salazar; MARCELLO, Fabiana de Amorim; MÜLLER, Fernanda. (2020). A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia. **Educação e Pesquisa**, 46, e238077, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1678-4634202046238077>. Acesso em: 20 mar. 2022.

PALACIOS, Mariana Inés García; CASTORINA, José Antonio. Método clínico-crítico y etnografía en investigaciones sobre conocimientos sociales. **Cadernos de Pesquisa**, v. 44, n. 154, p. 1052-1068, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053142949>. Acesso em: 20 mar. 2022.

PARRAT-DAYAN, Silvia. **O método clínico na teoria de Jean Piaget**. 2003. Manuscrito inédito.

PIAGET, Jean. **La représentation du monde chez l'enfant**. Paris: PUF, 2013.